

A escola e a Formação Crítica do Leitor Midiático¹

Josevalda da Silva CARVALHO²

Polyane de Oliveira SILVA³

Obdália Santana Ferraz SILVA⁴

Universidade do Estado da Bahia, Salvador, BA

RESUMO

Este artigo discute a relação entre a mídia e o processo de aprendizagem na escola, destacando a força da narrativa midiática, refletida no comportamento de consumo na sociedade. Apresentamos o conceito de educomunicação como saída à formação crítica do aluno desde as primeiras séries do ensino básico. Aqui, surge o questionamento de como a escola pode trabalhar as multissemióticas alavancadas nas mídias de massa, de modo a moldar, desenvolver, o olhar de crítica do sujeito em relação ao conteúdo que os veículos de comunicação lhes oferecem. Em contrapartida, o trabalho propõe o uso das mídias e das tecnologias na educação como parte da produção de uma pedagogia dos multiletramentos, focada no engajamento e participação dos estudantes nos espaços de dentro e fora da escola. Mas, quais são as tecnologias utilizadas pelos docentes em sua prática pedagógica que podem ajudar os discentes a desenvolverem suas competências e habilidades indispensáveis para a formação crítica-leitora? Vale ressaltar que este artigo não detém todas as respostas, mas incita os leitores (docentes e discentes) a refletirem sobre suas buscas, práticas e expectativas na construção do saber. Desse modo, faz-se necessário adequar o texto lido ao contexto, referenciado pelo uso prático de interfaces diversas para o ensino e compreensão da língua materna em situações que extrapolam os limites da escola, às vezes não percebidos pelos estudantes. É preciso estimular essa criticidade dentro da escola para, assim, melhorar o processo educativo na formação de professores e alunos sobre os acontecimentos da realidade.

PALAVRAS-CHAVE: Educomunicação; Leitor Midiático; Educação Multimodal.

¹ Trabalho apresentado na IJ06 – Interfaces Comunicacionais do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 5 a 7 de julho de 2018.

² Docente de Letras, graduada pela Universidade Federal da Bahia – UFBA, e-mail: josycarv20@gmail.com.

³ Jornalista, graduada pela Faculdade Anísio Teixeira – FAT, e-mail: polyane@uefs.br.

⁴ Orientadora do Trabalho. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação e Contemporaneidade – (UNEB - Campus XIV e Campus I)

POR QUE DISCUTIR SOBRE MÍDIAS?

O tema proposto por esta pesquisa busca entender como a escola desenvolve/influencia o olhar crítico do aluno em relação ao que a mídia apresenta, principalmente nos meios de comunicação de massa como TV, rádio e jornal. Visto que, a comunicação midiática faz parte do cotidiano social, onde as informações chegam todo momento.

Há vários pontos de correlação entre a escola e a mídia. Aqui, destacamos que o processo de aprendizagem acontece primeiramente por meio dessa última e dos conteúdos nela expostos (BRAGA e CALAZANS, 2001). Já que a educação forma para a sociedade, a formação do pensamento crítico instaura-se como condição necessária para a reorganização da mídia.

A mídia exerce grande influência e importância no que deve ser consumido pela sociedade de massa. Isso ocorre, principalmente, pelo estímulo e manipulação que ela impõe nos telespectadores, internautas, leitores, ou seja, nos consumidores. Caldas (2006) corrobora que a presença da mídia na escola ajuda na compreensão das ideologias e relações de poder que nelas estão intrínsecas. Dessa forma, provocadas pela necessidade de entender o que permeia o processo de veiculação da informação, pretendemos problematizar o papel da educação voltada às mídias.

Sendo os meios de comunicação usados para dar informações e, ao mesmo tempo, interferirem na formação e/ou deformação do sujeito, não há como dissociar a leitura de mundo (presente nesses meios) da prática pedagógica na escola. O uso da mídia como instrumento didático ficou concretizado a partir da busca pela mesma, para conduzir e preparar os jovens e crianças em busca da sua formação e conhecimento. Entretanto, esta inserção da mídia no desenvolvimento de educando, não favorece/garante a leitura crítica do mundo. Qual seria, então, a função da escola?

EDUCOMUNICAÇÃO: PRÁTICAS E POSSIBILIDADES

Os meios de comunicação estão cada vez mais presentes no cotidiano da sociedade e, por consequência, passaram a serem mais consumidos e assimilados pelos diferentes grupos sociais. Para Baccaga (2011), esses meios assumem, também, junto à

escola e a família, o papel de socialização do indivíduo. Partindo desse pressuposto, trabalhar com a educomunicação⁵, ou seja, a educação voltada para as mídias, é estar imerso nas mudanças políticas que podem ser permitidas pela escola e pelos impactos gerados a partir da comunicação.

A educomunicação é um dos termos que mais vem se ampliando na educação e ganhando espaço na contemporaneidade. Segundo alguns autores (Caldas, 2006; Kalinke, 1999), isso acontece porque como a escola é a formadora “oficial” do cidadão crítico, cabendo a ela utilizar-se dos avanços tecnológicos e dos recursos multimídias para desenvolver bem essa formação. Sendo assim:

Como formar o cidadão frente à influência avassaladora da mídia no quadro de uma cultura pós-moderna fragmentada e fragmentadora? Qual o papel da escola neste processo? Quem mais uma vez educará os educadores? E quem forma os comunicadores? Qual seria, então, o caminho para a construção da cidadania pós-moderna e para garantir, assim, a sua emancipação? (CALDAS, 2005, p. 94 apud CALDAS, 2006, p. 120).

Diante destas questões norteadoras de CALDAS (2005), pode-se dizer que a educomunicação é um mecanismo de ensino no qual a comunicação em massa e a mídia em geral são usadas como elementos de educação. Esta integração só foi possível quando teve início o uso das tecnologias e mídias dentro da escola, com a expectativa de facilitar a aprendizagem dos alunos em sala de aula, sem hierarquizar a distribuição do saber, estabelecendo um diálogo com outras áreas do conhecimento.

Considerando que o sujeito em idade escolar⁶ também está passando por um processo de construção da subjetividade, de autoconhecimento e do reconhecimento do outro, trabalhar com atividades de inclusão da educomunicação em sala de aula é condição essencial para que essa faixa etária - crianças e adolescentes - tão passíveis à

⁵ O conceito surgiu nas décadas de 70-90 a partir de pesquisas realizadas na Universidade de São Paulo, no Núcleo de Comunicação e Educação (NCE).

⁶ Período regular frequentado por crianças e adolescentes no espaço escolar para o desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita de códigos e de mundo.

manipulação, entendam as múltiplas estratégias de linguagens que a mídia utiliza para impulsionar o mercado de consumo contemporâneo (BINI e GARCIA, 2013).

Para Braga e Calazans (2001), o cruzamento entre educação e comunicação tem algumas funções importantes:

- Trazer um novo paradigma para a escola;
- Ver a escola e a comunidade como partes de um processo comunicativo\educativo;
- Promover o direito à comunicação;
- Implementar a prática do protagonismo infante/juvenil;
- Aproximar a realidade do aluno X realidade da comunidade;
- Fortalecer as relações entre todos os envolvidos no processo de educomunicação;
- Articular o projeto político-pedagógico da escola;
- Incentivar a interdisciplinaridade.

Como já mostrado, a educomunicação trata de algumas linhas básicas destinadas à formação do indivíduo. Ressalta-se também que a utilização da tecnologia dentro da sala de aula e a sua adequação positiva dentro do ambiente escolar é capaz de melhorar as possibilidades pedagógicas do mesmo. Já que os avanços tecnológicos estão dominando quase todos os campos do conhecimento, Kalinke (1999) observa que esse processo informacional é cada vez mais rápido e disponível:

A Internet, os canais de televisão a cabo e aberta, os recursos de multimídia estão presentes e disponíveis na sociedade. Estamos sempre a um passo de qualquer novidade. Em contrapartida, a realidade mundial faz com que nossos alunos estejam cada vez mais informados, atualizados, e participantes deste mundo globalizado (1999, p.15).

Nesse sentido, seguir os acontecimentos, ir além do que propõe os livros didáticos, desenvolver pesquisas sobre diversos assuntos, fazer entrevistas, fotografar, filmar, registrar tudo que os alunos considerarem interessantes e importantes em suas vidas, faz da aprendizagem um recurso para difundir o conhecimento adquirido. E tem o

objetivo de promover o protagonismo dos atores sociais no principal espaço institucionalizado de promoção da educação: a escola.

A ESCOLA E AS EXIGÊNCIAS ATUAIS: EDUCAÇÃO MULTIMODAL

A escola atual, em seus variados níveis de ensino, não pode mais fugir da responsabilidade de adaptar-se ao uso das novas tecnologias, sabendo-se que ainda existem espaços escolares onde as mesmas têm o uso restrito, quase sem reconhecimento por parte dos alunos e dos professores. Porém, é preciso introduzi-las, pois ocupam o lugar de linguagem social, onde o indivíduo pode se mostrar/apresentar para o mundo.

Nos últimos anos observa-se que nunca se leu tanto, no entanto, esta leitura não vem seguida da necessária interpretação e compreensão textual. A era digital⁷ trouxe a informação em vários formatos, possibilitando uma pesquisa mais enriquecedora e menos monótona. Vídeo e áudio, links interligados, bem como enciclopédias online são alguns exemplos desta vertente interativa. Portanto, o professor deve oportunizar o aprendizado dos discentes, utilizando ferramentas favoráveis para que isto aconteça, sendo os multiletramentos digitais uma das estratégias mais importantes na atualidade.

Roxane Rojo (2009) destaca que a globalização passou a exigir novos letramentos relacionados às mídias digitais e meios de comunicação facilitando a informação. E o acesso a estas redes de comunicação e informação (computadores, smartphones, smart TVs, entre outros)

[...] resulta em quatro mudanças de importância na reflexão sobre os letramentos: intensificação e diversificação da circulação da informação, diminuição das distâncias espaciais, diminuição das distâncias temporais ou a contração do tempo e a multissensuosa ou a multiplicidade de modos de significar (ROJO, 2009, p.128).

⁷ Nicholas Negroponte (1995) afirma que na convergência tecnológica, no final do século passado, houve uma mudança no consumo de informações, o que antes era em forma de átomos (jornais, revistas, livros), com a chegada do digital, passa a ser em forma de bits, responsáveis pela criação dos dados digitais.

Nesta perspectiva a autora incentiva os letramentos críticos⁸. Reforçando com isto a importância de se trabalhar nas escolas, e fora delas, com os multiletramentos e com as multi possibilidades de interpretação e criticidade textual. Para isso, é necessário um leitor atento, observador, aberto ao novo, que não se limite ao já conhecido. Somente assim, com essas capacidades sendo trabalhadas na escola, o sujeito terá, desde a tenra idade, um leque maior de possibilidades para discernir e contextualizar as diversas abordagens do “mundo editado pela mídia”, olhando-os criticamente (CALDAS, 2006). Segundo Coscarelli:

Sabemos que, uma vez dominados os recursos básicos da leitura e da escrita, ficamos o resto de nossas vidas aprendendo a ler e a escrever, a dominar cada vez mais os recursos da escrita e as estratégias da leitura. Esses processos não se encerram na alfabetização. Uma vez dominados os recursos básicos da leitura e da escrita, não importa mais em que métodos fomos alfabetizados, mas que concepção de texto, de leitura, de escrita, de aprendizagem, a escola está nos ajudando a desenvolver (COSCARELLI, 2005, p. 31).

Os alunos, sendo componentes dessa bilateralidade, precisam expandir sua prática do falar, intermediar e se posicionar criticamente diante das condições de suas trajetórias profissionais, e só assim, com base nesta mudança, surge a necessidade de teorias que apresentem e descrevam abordagens adequadas para o desenvolvimento dos letramentos necessários aos diversos contextos e formas de comunicação.

Para os que lecionam e planejam, é imposto que “auxiliem os aprendizes a entender os princípios críticos que subjazem tanto as suas práticas letradas quanto às práticas pedagógicas através das quais eles as aprenderam” (STREET, 2014, p.119).

E, nesse sentido da educação multimodal, está a ideia de que a leitura e a escrita trazem consequências sociais, culturais, políticas, econômicas, cognitivas, linguísticas, quer seja para o grupo social em que sejam introduzidas, quer seja para o indivíduo que aprenda a usá-las. A escola não pode colocar-se apenas no papel de transmissora de conhecimento. Os alunos têm contato direto com as mídias tradicionais e as mídias digitais e, nelas, buscam formas autônomas de letramentos, desafiando e questionando o

⁸ Entende-se por letramento crítico uma série de princípios educacionais para o desenvolvimento de práticas discursivas de construção de sentidos.

conteúdo que lhes é imposto no ambiente acadêmico. Por isso, a importância da instituição caminhar no mesmo compasso das multimídias para poder servir como mediadora do processo de leitura crítica de mundo nos estudantes.

O planejamento das ações educativas pode ser elaborado a partir das necessidades dos alunos e também do currículo formal, no entanto, deve ser anexado a ele atividades desenvolvidas com o objetivo de levar o aluno a desenvolver-se e aprender naturalmente, interagindo em contextos adequados e minimamente estimulantes.

Dos múltiplos letramentos, dentre os que têm amplitude para reflexão e investigação, destacam-se a vinculação entre o letramento visual e o crítico. Pois, o letramento visual/multimodal crítico tem muito a contribuir, atualmente, com o contexto de ensino de línguas, na tarefa de preparar crianças e jovens para a realidade multimodal a que estão expostos. Como citado por Rojo (2009) ao tratar da proposta didática com base crítica, é "de grande interesse imediato e condiz com os princípios de pluralidade cultural e de diversidade de linguagens envolvidas no conceito de multiletramentos" (2009, p. 300).

Hoje, o país necessita de educadores transformadores, pesquisadores e críticos do seu trabalho e das regras seculares da escola tradicional. Para isso, a internet, os smartphones, que são usados cotidianamente pelos alunos, precisam ser colocados à disposição deles, através do processo ensino-aprendizagem, dando-lhes condições de desenvolverem as suas competências e habilidades, diminuindo o espaço entre eles e as oportunidades tão raras em suas vidas.

Citado mundialmente, Paulo Freire sugere a teoria de que professores "não podem deixar de propor aos educandos uma reflexão crítica sobre o concreto, sobre a realidade nacional, sobre o momento presente – o da reconstrução, com seus desafios a responder e suas dificuldades a superar" (FREIRE, 2011, p. 53). Isso posto, é importante compreender também, que o professor mesmo sendo o mediador da aprendizagem, pondo-se lado a lado com o aluno, no sentido de efetuar descobertas e trocar ideias, ele pode aprender com os mesmos.

O TRABALHO COLABORATIVO PARA A FORMAÇÃO DO LEITORMIDIÁTICO

Diante das diferentes possibilidades de abordagem do trabalho com a educomunicação em sala de aula, escolhemos problematizar a questão a partir dos sujeitos protagonistas que a aplicam dentro do ambiente escolar. Aqui, discutimos o papel dos profissionais de educação (professores) e de comunicação (jornalistas e publicitários) na prática da pedagogia híbrida⁹ e colaborativa para com os alunos.

Vale salientar que o trabalho entre os campos da comunicação e da educação podem andar lado a lado. Primeiro, porque existe uma reciprocidade, as duas áreas podem atuar em conjunto. Segundo, porque o processo de construção simbólica apreendido na escola é visto na prática por meio das mídias. Por conseguinte, Caldas (2006) define as intervenções das áreas do campo da educomunicação: são as pesquisas, investigações que questionam a ambos os campos, e as práticas, que organizam, dentro da educação, o planejamento e a gestão da comunicação.

As práticas e as possibilidades pedagógicas desenvolvidas na formação crítica do leitor midiático dentro da escola ganham mais credibilidade quando o professor se permite despir dos preconceitos para conhecer as mídias e operá-las em parceria com os profissionais da comunicação. Assim, um entenderá as particularidades da produção do outro, em constante processo de troca, visando desenvolver projetos de mídia na escola que podem ser construídos por grupos de comunicação ou por comunicadores/educadores.

Contudo, o que vale mesmo é que esses promotores da educomunicação enxerguem os alunos, não como meros ouvintes-passivos, mas que os vejam como potenciais protagonistas de práticas no cotidiano da sala de aula. Como exemplo, podemos citar atividades que façam o manuseio das ferramentas dos suportes midiáticos no processo de construção de notícias, de documentários, de blogs, de programas de TV e rádio, de jornais, entre outros. Essas propostas de produção foram facilitadas nos dias atuais por causa do uso de aparatos tecnológicos como os celulares e tablets. Quando o

⁹ Focada na personalização do ensino, onde o professor divide a sala de aula nos modos de aprendizado on-line (uso de aparatos tecnológicos individuais) e off-line (estudo em grupo entre professor e alunos para a socialização dos conteúdos).

estudante ganha essa autonomia fica mais fácil estabelecer a conexão entre aprendizado, fatos e realidade.

A mídia representa um campo autônomo do conhecimento que deve ser estudado e ensinado às crianças da mesma forma que estudamos e ensinamos a literatura, por exemplo. A integração da mídia à escola tem necessariamente de ser realizada nestes dois níveis: enquanto objeto de estudo, fornecendo às crianças e aos adolescentes os meios de dominar esta nova linguagem; e enquanto instrumento pedagógico, fornecendo aos professores suportes altamente eficazes para a melhoria da qualidade do ensino, porque adaptados ao universo infantil. (BELLONI, 1991, p. 41 apud CALDAS, 2006, p. 126).

Logo, uma educação comprometida com a formação do indivíduo acompanha todas as etapas do seu crescimento. Assim sendo, existe a necessidade de refletir sobre a prática pedagógica e a busca por uma metodologia atualizada, que garanta uma aprendizagem participativa, em que os agentes principais desse processo, os alunos, possam atuar como protagonistas. Para tanto, espera-se que o professor esteja preparado para considerar o conhecimento prévio do aluno, a sua formação familiar e do seu entorno, sua comunidade, onde mora, trabalha e se diverte. E então a leitura crítica será uma habilidade, e não apenas um acontecimento esporádico da aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das reflexões propostas neste artigo, foi possível perceber que para realizar educomunicação nas escolas não existem dificuldades de aplicação quando se tem preparo pedagógico por parte dos agentes, professores/comunicadores. Sabe-se que a formação crítica dos leitores não é adquirida apenas com a visão dos letramentos alfabéticos (dos códigos e das letras) aprendidos em sala de aula, mas também, principalmente, quando os diversos letramentos cotidianos (apresentados na mídia e dentro das comunidades) se unem ao processo metodológico de ensino nos espaços institucionalizados da educação.

Como já apresentado, as relações sociais são alteradas na medida em que o indivíduo apreende a fazer uma leitura crítica das mídias e do contexto que a cerca. A educomunicação, portanto, deu um novo sentido a essas práticas. Em vez das mídias

estarem a serviço das estratégias do mercado de consumo, da indústria cultural, elas passam a estar voltadas para os mecanismos educativos das práticas escolares.

É notável que utilizar a mídia na escola é o ponto de partida para a leitura de mundo do aluno. Todavia, esse processo não pode se restringir ao mero conhecimento e leitura do conteúdo dos veículos de comunicação. Deve ser expandido para desenvolver o protagonismo nas crianças e adolescentes, permitindo-lhes a autonomia para criar suas narrativas e, assim, estimular o debate, a produção e a participação dentro da sociedade.

REFERÊNCIAS

BACCEGA, M. A.. Comunicação/Educação e a construção de nova variável histórica. *Comunicação e Educação* (USP), v. 3, p. 1-10, 2009 in CITELLI, Adilson; COSTA, Maria Cristina Cartilho. *Educomunicação: Construindo uma nova área de conhecimento*. São Paulo: Ed. Paulinas, 2011.

BELLONI, M.L. *Educação para a mídia: missão urgente da escola*. *Comunicação & Sociedade*, São Bernardo do Campo, v. 10, n. 17, p. 36-46, ago. 1991.

BRAGA, José Luiz; CALAZANS, Regina. *Comunicação e Educação: questões delicadas na interface*. São Paulo: Hacker, 2001.

BINI, Renan Paulo; GARCIA, Letícia A. Rosa. *A Educomunicação como Instrumento de Construção de Leitores Críticos de Mídia*. *Revista Travessias*, v. 7, nº 1, 2013. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/8233>>. Acesso em: 21 ago.2017.

CALDAS, G. *Ética e cidadania na formação do jornalista*. *Comunicação & Sociedade*, São Bernardo do Campo, v. 27, n. 44, p. 85-101, 2005.

_____. *Mídia, Escola e Leitura Crítica do Mundo*. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 27, n. 94, p. 117-130, jan./abr. 2006. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 22 ago. 2017.

COSCARELLI, Carla Viana. *Livro de receitas do professor de português: atividades para a sala de aula*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

FREIRE, P. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 51 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

KALINKE, Marco Aurélio. *Para não ser um professor do século passado*. Curitiba: Gráfica Exponente, 1999.

NEGROPONTE, Nicholas. *A Vida Digital*. Rio de Janeiro, Companhia das Letras, 1995.

ROJO, Roxane. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

STREET, B. *Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento na etnografia e na educação* [tradução de Marcos Bagno]. São Paulo: Parábola, 2014.